

A variação no uso dos róticos em Porto Alegre

(La variación en el uso de los róticos en Porto Alegre)

Jacqueline Ortelan Maia Botassini¹

¹Departamento de Letras – Universidade Estadual de Maringá (UEM)

jombotassini@uem.br

Resumen: Los róticos, clase de sonidos del fonema /r/, presentan muchas posibilidades de variación y de realización. La multiplicidad de variantes, sin embargo, no se realiza en todos los contextos lingüísticos ni en todos los dialectos. Este trabajo, basado en la metodología de la Sociolingüística Variacionista, tiene el objetivo de verificar que variantes de los róticos en posición de coda silábica se utilizan en el habla de habitantes de la ciudad de Porto Alegre. Para eso, recolectamos datos de las entrevistas del Proyecto ALiB referentes a Porto Alegre, más precisamente, del Cuestionario Fonético-Fonológico, seleccionándose 29 preguntas que propiciaban respuestas con róticos en final de sílaba. Tras la selección, audición y transcripción fonética de los datos, los hemos codificado, siguiendo las especificaciones del programa Varbrul. Los resultados obtenidos fueron sometidos al análisis cuantitativo y cualitativo.

Palabras claves: róticos; coda silábica; factores lingüísticos y extralingüísticos.

Resumo: Os róticos, classe de sons do fonema /r/, apresentam muitas possibilidades de variação e de realização. A multiplicidade de variantes, entretanto, não se realiza em todos os contextos lingüísticos nem em todos os dialetos. Este trabalho, baseado na metodologia da Sociolingüística Variacionista, objetiva verificar quais variantes dos róticos em posição de coda silábica são utilizadas na fala de moradores da cidade de Porto Alegre. Para tanto, coletamos dados das entrevistas do Projeto ALiB referentes a Porto Alegre, mais especificamente do Questionário Fonético-Fonológico, selecionando-se 29 perguntas que propiciavam respostas com rótico em coda silábica. Após seleção, audição e transcrição fonética dos dados, procedeu-se à sua codificação, seguindo as especificações do programa Varbrul. Os resultados obtidos foram submetidos à análise quantitativa e qualitativa.

Palavras-chave: róticos; coda silábica; fatores lingüísticos e extralingüísticos.

Introdução

Em um país com dimensões territoriais como o Brasil, é comum existirem diversidades: diversidades étnicas, culturais, religiosas, sociais e, por conseguinte, lingüísticas. Em relação a esta última, de acordo com o relatório do Grupo de Trabalho de Diversidade Lingüística do Brasil (GTDL), são falados atualmente, neste país, cerca de 200 idiomas. São aproximadamente 180 línguas faladas pelas nações indígenas e cerca de 30 línguas das comunidades de descendentes de imigrantes. Além disso, verificam-se, no âmbito da própria língua portuguesa brasileira, variações lingüísticas decorrentes de diferenças regionais ou geográficas, condicionadas pela adequação do uso da linguagem às diversas situações comunicativas e sociais, pela faixa etária, pelo sexo e pelo grau de escolaridade dos indivíduos, dentre outras razões.

É essa variedade lingüística existente no âmbito da própria língua portuguesa falada no Brasil que nos interessa investigar neste trabalho. Mais especificamente, interessa-nos investigar a variação existente no uso dos róticos, classe de sons do fonema /r/, em posição de coda silábica na cidade de Porto Alegre.

Os róticos têm sido objeto de estudo de diversas pesquisas em razão das muitas possibilidades de variação e de realização. Conforme assevera Dermeval da Hora (2006, p. 93), “Os róticos, no PB e nas demais línguas do mundo, têm um comportamento extremamente variável, apresentando uma multiplicidade de variantes”.

Em trabalho anterior (BOTASSINI, 2009), investigamos as crenças e as atitudes linguísticas em relação ao uso dos róticos na fala de dez informantes: seis naturais da cidade de Maringá – Paraná, dois naturais do Rio Grande do Sul e dois naturais do Rio de Janeiro, todos residentes na cidade de Maringá – Paraná. Os dados levantados nesse trabalho em relação aos informantes gaúchos (diferentemente dos informantes cariocas) parecem indicar que esses informantes sofreram influência do uso que os indivíduos naturais de Maringá fazem dos fonemas róticos e despertaram-nos o interesse em verificar se o comportamento em relação ao uso dos róticos é diferente na fala de informantes naturais do Rio Grande do Sul e lá residentes em relação ao comportamento desses informantes residentes no norte do Paraná.

O objetivo deste trabalho é verificar quais variantes dos róticos em posição de coda silábica são utilizadas na fala de indivíduos moradores na cidade de Porto Alegre – Rio Grande do Sul, bem como verificar se existem elementos condicionadores desse uso. Para tanto, respaldamo-nos na metodologia da Sociolinguística Variacionista e submetemos os dados obtidos ao pacote de programas Varbrul, versão Goldvarb 2001.

Breve comentário sobre os róticos

As consoantes róticas, também chamadas de consoantes vibrantes, correspondem à classe de sons do fonema /r/. De acordo com Ladefoged e Maddieson (1998, apud OLIVEIRA, 2006), a denominação “rótico” origina-se da grafia greco-romana *rho*, empregada para a letra “r”.

Uma questão para a qual ainda não existe um consenso entre os estudiosos refere-se ao número de fonemas róticos no Português Brasileiro (PB). Segundo Oliveira, respaldada em Lindau (1985), um dos principais fatores que contribui para a complexidade fonológica do rótico relaciona-se à sua variabilidade fonética: “cerca de 75% das línguas no mundo possuem algum tipo de ‘r’, sendo que 18% apresentam contrastes com dois ou mais desses segmentos” (2006, p. 27).

O que se discute, tradicionalmente, é se, no PB, existem dois ou um fonema rótico. Essa discussão provavelmente existe pela tendência a se diferenciar o r-fraco (ou simples) do r-forte (ou múltiplo). O que se verifica é que existem contextos em que podem ocorrer os dois e contextos em que apenas um deles é possível.

O r-fraco relaciona-se ao tepe [r] e ocorre em todos os dialetos do português em posição intervocálica (por exemplo: caro) (cf. CRISTÓFARO SILVA, 2009, p. 142), também é o rótico utilizado como segundo elemento de grupo consonântico (por exemplo: prato); em posição pós-vocálica (por exemplo: carne, mar), pode ocorrer um ou outro, entretanto com predomínio do r-fraco, principalmente em dialetos do sul (cf. OLIVEIRA, 2006).

O r-forte ocorre em início de palavra ou *onset* absoluto (por exemplo: rato), em início de sílaba precedida por consoante (por exemplo: Israel), em posição intervocálica

(por exemplo: *carro*, situação em que é representada graficamente pela duplicação do “r”) e em posição pós-vocálica (por exemplo: *carne*, *mar*).

Como se vê, os contextos comuns de uso desses róticos são a posição pós-vocálica (ou de coda silábica), cuja modalidade articulatória é dependente do dialeto, e a posição intervocálica. Entretanto, em posição intervocálica, a diferença é importante, pois, nesse contexto, os dois segmentos apresentam distintividade fonológica (*careta/carreta*, *muro/murro*, *caro/carro*, *era/erra*). Callou e Leite (1995, p.73) argumentam que “se existem duas vibrantes em português que só se opõem em posição intervocálica é porque nos outros ambientes a oposição fica neutralizada”.

É em função dessa oposição em um ambiente específico que se discute a questão de haver, no português do Brasil, um ou dois fonemas róticos. Um dos autores mais referidos a respeito desse assunto é Mattoso Camara Jr., o qual, ao longo do tempo, muda sua posição quanto ao número de fonemas róticos. Em sua obra de 1953, *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, apoiando-se em um plano diacrônico, o estudioso defendia a ideia da existência de um único fonema rótico, o /r/ brando, o qual correspondia ao enfraquecimento do /r/ simples latino. Posteriormente, em uma segunda edição dessa mesma obra, o autor faz correções, passando a admitir a existência de dois fonemas róticos em posição intervocálica: um brando e um forte.

A primeira solução fonêmica, que para logo ocorre, é distinguir dois fonemas vibrantes em português, que apenas contrastam em posição intervocálica, e em posição inicial se reduzem a um arquifonema representado pelo tipo “forte”.

Foneticamente, o /r/ forte pode ser considerado um aspecto especial do /r/ brando, em virtude de um maior número de vibrações. (CAMARA Jr., 2008, p. 77)

Essa postura diferenciada traz implicações quanto ao número de fonemas consonantais no português que passaria, de acordo com Camara Jr., de 18 para 19.

O assunto é controverso e suscita várias discussões. Mateus (2006) e Monaretto (1997) são exemplos de autores que defendem a existência de apenas um fonema rótico; já Oliveira (2006), Cristófaró Silva (2009) e Gusmão (2004) apoiam a existência de dois fonemas.

Não é nossa intenção neste trabalho debater esse assunto, tampouco assumir uma ou outra posição em relação a essa discussão. Há argumentos interessantes tanto em relação a um posicionamento quanto em relação a outro e é necessário estudar com profundidade o referido tema para defender, justificadamente, uma posição. Para o momento, o interesse é verificar as variantes desse(s) fonema(s).

Reinecke (2006), em sua tese intitulada *Os róticos intervocálicos na gramática individual de falantes de Blumenau e Lages*, faz um levantamento da descrição das variantes de róticos no PB desde Gonçalves Viana (1883) até a atualidade, apresentando um quadro das variantes mais referidas no PB. Segundo a estudiosa, são as seguintes as variantes: vibrante alveolar [r]; tepe alveolar [r̥]; retroflexos (tepe [ɽ] e aproximante [ɽ̥]); aproximante alveolar [ɹ]; fricativa velar (surda [x] e sonora [ɣ]); vibrante uvular [R]; fricativa uvular (surda [ʁ] e sonora [ʁ̥]); fricativa faringal/glotal [h].

Essa multiplicidade de variantes, evidentemente, não se realiza em todos os contextos linguísticos nem em todos os dialetos. Diversas pesquisas têm apontado os ambientes

linguísticos e as áreas geográficas em que uma ou outra variante ocorre e podemos ver, em Reinecke (2006, p. 37), um quadro resumindo essas pesquisas.

Para este trabalho, interessam-nos apenas as realizações róticas em posição de coda silábica (interna e externa), pois é nesse contexto que se pode verificar um grande número de variações, conforme atestam Callou, Moraes e Leite (1996, p. 465): “O fonema /r/ apresenta, em posição de coda silábica, um elevado grau de polimorfismo, prestando-se, exemplarmente, à caracterização da variação no português do Brasil”.

Nos dados deste trabalho, encontramos as seguintes realizações róticas: tepe, vibrante alveolar, glotal e retroflexa (para a qual não fizemos a diferenciação como tepe ou aproximante). Além disso, fizemos, também, o controle do zero fonético, ou seja, os casos de apagamento do fonema rótico, tão comum em todos os dialetos do Brasil, sobretudo em coda silábica externa.

Amostra e metodologia

O *corpus* deste trabalho é constituído de dados coletados das entrevistas do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) referentes à cidade de Porto Alegre. Conforme já esclarecemos na introdução, trabalhar com dados de informantes de Porto Alegre se deve ao interesse em verificar se há um comportamento diferente quanto ao uso dos róticos na fala de informantes naturais do Rio Grande do Sul e lá residentes em relação ao comportamento desses informantes residentes no norte do Paraná. Além disso, existem várias pesquisas sobre o uso dos róticos em Porto Alegre, coletadas em outra época e com outros informantes, de modo que podemos confrontar os resultados obtidos neste trabalho com os dados de outras pesquisas.

São oito informantes, nascidos na localidade pesquisada, filhos de pais da região linguística em estudo, divididos igualmente por sexo (masculino e feminino), por faixa etária (1ª faixa etária, de 18 a 30 anos, e 2ª faixa etária, de 50 a 65 anos) e por grau de escolaridade (fundamental e superior).

Os dados analisados foram obtidos por meio do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do Projeto ALiB, do qual foram selecionadas 29 perguntas que propiciavam respostas com rótico em posição final de sílaba, ou seja, em coda silábica tanto interna (como em “torneira”, “porta”) quanto externa (como em “varrer”, “liquidificador”). Por exemplo, pergunta: “Como se chama aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?”; resposta esperada: “torneira”.

Das 29 perguntas, 2 foram escolhidas por possibilitarem a produção de rótico em coda silábica por meio de metátese (que consiste na transposição de fonemas na mesma sílaba ou entre sílabas), a saber: *prateleira* / “partilera” e *braguilha* / “barguilha” ou “barguia”. Assim, as 29 palavras selecionadas foram as seguintes: *prateleira, torneira, varrer, gordura, colher* (substantivo), *liquidificador, fervendo, botar, árvore, montar, borboleta, calor, tarde, catorze, trabalhar, rasgar, Pernambuco, certo, perdão, mulher, braguilha, perfume, beijar, dormindo, perdida, encontrar, perguntar, sair, esquerdo*.

O modelo de análise que será adotado neste estudo é o da Sociolinguística Variacionista, que busca analisar a produção oral dos falantes considerando, além dos fatores linguísticos, as influências de fatores extralinguísticos. Assim, após delimitado o objeto de estudo

desta pesquisa, o qual constitui a sua variável dependente – rótico em coda silábica – e verificadas as formas variantes – tepe, vibrante alveolar, glotal, apagamento, retroflexa – procuramos reunir conjuntos de fatores que pudessem apresentar-se como condicionadores de uso de uma ou de outra forma. Esses fatores, que representam as variáveis independentes e que podem ser de natureza linguística ou extralinguística, são os seguintes: a) fatores linguísticos: posição do rótico na palavra (coda silábica interna ou externa) e classe gramatical (nome ou verbo); b) fatores extralinguísticos: sexo, faixa etária e grau de escolaridade.

O problema central com que a Teoria da Variação se preocupa, segundo Naro (2008, p. 17), é como “isolar e medir separadamente o efeito de um fator [...] quando tal fator nunca se apresenta isoladamente nos dados”, isto é, há uma conjugação de fatores que atuam simultaneamente para que uma ou outra variante se realize. Para resolver esse problema, foram propostos modelos matemáticos, como o pacote de programas Varbrul, que pudessem prover a teoria de um instrumento capaz de dar tratamento estatístico adequado aos dados linguísticos variáveis, a fim de detectar os elementos (linguísticos ou extralinguísticos) que condicionam a ocorrência de um fenômeno.

Desse modo, após a seleção dos dados, procedeu-se à sua audição para a realização da transcrição fonética das respostas dadas pelos informantes e posterior codificação, seguindo as especificações do programa Varbrul, versão Goldvarb 2001, a fim de submetemos os dados a tratamento estatístico adequado. O Varbrul produz como resultado final, além de valores percentuais que permitem averiguar as frequências obtidas, pesos relativos que apontam se os grupos de fatores selecionados pelo pesquisador são estatisticamente relevantes.

Os resultados estatísticos obtidos foram registrados em tabelas e submetidos à análise quantitativa e qualitativa.

Análise dos dados

Os dados levantados quanto ao uso dos róticos em coda silábica somaram um total de 220 ocorrências distribuídas entre cinco variantes: tepe, vibrante alveolar, glotal, retroflexa e zero fonético ou apagamento do rótico. Precisamos chamar atenção para o fato de o número total de ocorrências não corresponder ao número absoluto esperado que seria 232. Isso porque, se multiplicarmos o número de perguntas/respostas esperadas (29) pelo número de informantes (8), esse é o número de dados que deveríamos ter. Entretanto, das 29 perguntas, 2 não apresentavam, em princípio, respostas com rótico em coda silábica (prateleira e braguilha). Dos oito informantes, apenas um produziu metátese em “prateleira”, ou seja, “partilera”. Além disso, para algumas perguntas, os informantes não produziram a resposta esperada, o que resultou no número final 220. A Tabela 1, a seguir, apresenta essa distribuição.

Tabela 1. Ocorrências dos róticos

RÓTICO	OCORRÊNCIAS	%
Tepe	152	69,1
Apagamento	28	12,7
Alveolar	24	10,9
Glotal	11	5,0
Retroflexo	5	2,3
TOTAL	220	100,0

Como se pode verificar, a variante mais produtiva é o tepe (69%), seguida da não realização do fonema rótico (12,7%) e da vibrante alveolar (10,9%). Já as realizações glotal (5%) e retroflexa (2,3%) são mínimas, o que indica que essas variantes não são características do dialeto falado em Porto Alegre.

Embora tenhamos encontrado no *corpus* deste trabalho cinco variantes, ao submetermos os dados ao programa Varbrul, três variantes – glotal, retroflexa e zero fonético – acusaram *knockout*, isto é, apresentaram ao menos um resultado zero e foram excluídas, porque não constituíam casos de variação. Os *knockouts*¹ representam aplicação ou não aplicação categórica da regra e acontecem quando um dado sempre ocorre (100%) ou nunca ocorre (0%); assim, o programa não prossegue, não gera o arquivo seguinte, enquanto esses casos não forem excluídos.

Os *knockouts* ocorreram nos fatores linguísticos *posição do rótico* e *classe gramatical*. Em relação à posição do rótico, a realização retroflexa não foi produzida na posição externa, e a glotal e o apagamento não ocorreram na posição interna. Quanto ao fator linguístico *classe gramatical*, não houve ocorrência da variante retroflexa nos verbos e não se realizou apagamento do rótico nos nomes.

A respeito desses resultados, temos algumas considerações a fazer sobre o apagamento do rótico, visto que essa variante apresentou o segundo maior número de ocorrências no *corpus* (12,7%) e foi excluída. Em relação ao fato de não ocorrer apagamento do rótico em posição interna (como em “torneira”, “gordura”, “borboleta”) bem como em nomes, outras pesquisas (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996; HORA, 2006; BRESCANCINI; MONARETTO, 2008; OLIVEIRA, 1983, apud HORA, 2009) já apontaram que, nesses contextos, é comum o rótico se manter; ao contrário da posição externa, sobretudo em se tratando de verbos, ambiente bastante propício ao zero fonético.

Em relação à queda do /r/, observam-se comportamentos nitidamente distintos nas duas posições. Em sílaba interna, o fenômeno quase não ocorre (3% em média). No contexto final, o percentual de perda aumenta significativamente... (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996, p. 471)

A realização zero é mais alta quando o /r/ é um morfema verbal, que ocorre quase sempre como marcador de infinitivo e, em alguns verbos, no futuro do subjuntivo. (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996, p. 473)

Em se tratando do apagamento do rótico [...], Oliveira (1983, p. 93) afirma: a) o apagamento é muito mais frequente e saliente em posição de final de palavra do que no interior da palavra; b) sua ausência em final de palavra é mais comum em verbos do que em não-verbos; [...] (HORA, 2009, p. 39)

Os 12,7% de apagamentos constatados em nossos dados referem-se aos resultados globais. Quando discriminamos os contextos de coda silábica interna e externa, verificamos, de forma mais evidente, o que acabamos de expor. Não há ocorrência dessa variante em coda silábica interna (0%), enquanto em coda externa essa ocorrência corresponde a 26%. Novamente nossos resultados apresentam-se muito próximos dos de Callou, Moraes e Leite (1996), que apresentam, em contexto medial, na cidade de Porto Alegre, 4% de queda do /r/ e, em contexto final, 37%.

¹ Para mais informações sobre esse assunto, consultar Guy e Zilles (2007, p. 158).

Dos 28 casos de zero fonético constatados no presente trabalho, 60,7% foram produzidos pelos informantes com ensino fundamental contra 39,3% dessas ocorrências em informantes de curso superior, o que parece demonstrar que os informantes mais escolarizados procuram evitar o apagamento, que seria característica de uma fala menos culta.

Hora (2009, p. 39), citando Oliveira (1983), destaca que, “de acordo com alguns relatos, o apagamento está relacionado a falantes de classe mais baixa e é considerado um vulgarismo [...]”. Também Brescancini e Monaretto (2008, p. 62), confrontando resultados de pesquisas realizadas sobre o apagamento da vibrante na região sul do Brasil, depararam-se com a maior probabilidade de apagamento entre pessoas com baixa escolaridade.

Excetuando-se os casos de *knockout*, restaram as variantes tepe e alveolar, respectivamente a primeira e a terceira mais produtivas no *corpus*. Fazendo a redistribuição dos dados, passamos a ter 176 casos de róticos em coda silábica: 152 tepes (86,4%) e 24 ocorrências de vibrante alveolar (13,6%), conforme Tabela 2.

Tabela 2. Ocorrências dos róticos, excetuando-se os *knockouts*

RÓTICO	OCORRÊNCIAS	%
Tepe	152	86,4
Alveolar	24	13,6
TOTAL	176	100,0

O resultado obtido em nosso estudo ratifica o resultado de outras pesquisas realizadas em Porto Alegre, porém com dados coletados em outra época e com outro perfil de informantes. Callou, Moraes e Leite (1996), analisando ocorrências do /r/ em posição pós-vocálica no interior e no final da palavra em elocuições de informantes do Projeto NURC (logo com informantes portadores de curso superior), constataram que, na cidade de Porto Alegre, o tepe (que os autores chamam de vibrante simples) é a variante preferida (p. 473). Salientam, ainda, que a vibrante simples é característica da região sul (p. 471). Cabe ressaltar que os dados do Projeto NURC foram coletados na década de 70 e os dados do Projeto ALiB, referentes à cidade de Porto Alegre, foram coletados entre os anos 2006 e 2007, portanto quase 30 anos depois, e apresentam resultados muito próximos.

Brescancini e Monaretto (2008, p. 57) apresentam um quadro que ilustra a variante do rótico mais utilizada em cada cidade da amostra do banco de dados VARSUL, distribuída pela posição na sílaba, e constatam que, em coda silábica, na cidade de Porto Alegre, a variante mais produtiva é o tepe.

A variante alveolar, bem menos realizada na fala dos informantes de Porto Alegre, parece ter seu uso mais restrito à região sul (cf. CALLOU *et al.*, 1996), especialmente entre os gaúchos. Seu uso tem sofrido reduções, sobretudo pela influência da mídia falada (especialmente a televisão) que, principalmente a partir da década de 1970, tem privilegiado o rótico fricativo (cf. LANGARO, 2005), embora o rótico alveolar ainda mantenha algum grau de prestígio, conforme atestam as palavras de Callou e Leite (1995, p. 74): “[...] a realização ápico-alveolar continua a ser considerada a forma padrão básica para a linguagem do rádio, teatro e televisão (na última com menor rigidez), sendo considerada a variante de maior prestígio”.

Também Rocha Filho (1989, apud VIOLA, 2006) destacou que a vibrante alveolar é a marca sonora típica dos locutores de futebol no Brasil, possivelmente com o objetivo de dar eloquência ao discurso.

O uso da variante alveolar parece estar ligado ao conservadorismo e à situação de querer marcar a pronúncia do /r/, talvez por razões afetivas ou emocionais. Para Marroquim (1945), “a tentativa de realizar uma vibração da língua em posição alveolar é vista como pedantismo” (apud HORA, 2009, p. 38).

Segundo Callou e Leite (1995), a mudança na realização da vibrante forte em português, de vibrações apicais por vibrações uvulares e velares, parece datar de fins do século passado; “a articulação anterior do *r* forte foi substituída por uma realização posterior em português e em outras línguas românicas” (p. 74). Explicam as estudiosas que essas mudanças estão relacionadas a processos fisiológicos de relaxamento e de comodidade articulatória e ocorreram em razão da tensão necessária para se articular as vibrações da variante áptico-alveolar.

Passemos, agora, a analisar a distribuição das variantes róticas em relação aos fatores extralinguísticos *sexo*, *faixa etária*, *grau de escolaridade* e linguísticos *posição do rótico na palavra* e *classe gramatical*.

Sexo

Começamos a análise dos fatores extralinguísticos pela variável independente *sexo*. A Tabela 3 exibe a distribuição das variantes tepe e alveolar nessa variável.

Tabela 3. Ocorrências dos róticos na variável sexo

SEXO	Tepe		Alveolar	
	Ocorrências	P.R.*	Ocorrências	P.R.
Masculino	73 (87%)	.52	11 (13%)	.48
Feminino	79 (86%)	.48	13 (14%)	.52

*P.R. = Peso Relativo

Os resultados sempre próximos do peso neutro (.50) evidenciam que esse fator social não está condicionando o uso de uma ou de outra variante rótica. Não importa se o informante é do sexo masculino ou feminino, as realizações róticas são muito parecidas, inclusive numérica e percentualmente. Há uma leve tendência ao uso da variante tepe quando o informante é homem e uma discreta propensão ao uso da variante alveolar quando o informante é mulher, demonstrando um comportamento praticamente idêntico dos informantes.

Faixa Etária

Conforme já salientamos, os informantes do Projeto ALiB estão divididos em duas faixas etárias: na primeira (doravante 1ª FE), estão os indivíduos com idades entre 18 e 30 anos e, na segunda (doravante 2ª FE), os indivíduos entre 50 e 65 anos. Observemos, na Tabela 4, como fica a distribuição das variantes róticas nesse fator social.

Tabela 4. Ocorrências dos róticos na variável faixa etária

FAIXA ETÁRIA	Tepe		Alveolar	
	Ocorrências	P.R.	Ocorrências	P.R.
1ª FE	75 (91%)	.65	7 (9%)	.35
2ª FE	77 (82%)	.36	17 (18%)	.64

Os resultados para essa variável mostram-se mais relevantes. Embora numericamente as diferenças sejam pouco expressivas, pode-se observar que os pesos relativos indicam o favorecimento ao uso da variante tepe nos informantes da 1ª FE (.65) e do rótico alveolar nos informantes da 2ª FE (.64).

Conforme vimos anteriormente, a vibrante alveolar é a variante mais conservadora e que exige maior esforço articulatório, talvez por isso apresente peso relativo favorecedor para a 2ª FE. Já os mais jovens, em geral, parecem não ter preocupação com uma pronúncia mais marcada, mais acentuada, o que justificaria o peso relativo favorecedor para a vibrante simples.

Grau de Escolaridade

Tradicionalmente, a escola tem sido o veículo por meio do qual os indivíduos entram em contato com as normas “padrão” prescritas pelas gramáticas normativas. Essas normas privilegiam, em geral, as formas ditas clássicas, canônicas. Estudos diversos têm demonstrado que o tempo que uma pessoa fica exposta aos bancos escolares pode intervir na sua forma de falar e expressar-se. Vejamos, na Tabela 5, a distribuição das variantes róticas nessa variável extralinguística.

Tabela 5. Ocorrências dos róticos na variável grau de escolaridade

ESCOLARIDADE	Tepe		Alveolar	
	Ocorrências	P.R.	Ocorrências	P.R.
Fundamental	78 (97%)	.83	2 (2%)	.17
Superior	74 (77%)	.21	22 (22%)	.79

A Tabela 5 informa-nos que a probabilidade de ocorrências da vibrante simples ou da vibrante múltipla está condicionada pelo grau de escolaridade do informante. Os pesos relativos apontam que existe maior probabilidade de uso da variante alveolar quando o informante possui curso superior (.79) e maior tendência ao uso da variante tepe se o informante possui apenas o nível fundamental (.83). Esses resultados são bastante significativos e parecem revelar que os indivíduos mais escolarizados percebem o *status* da variante alveolar que, segundo Callou e Leite (1995), é ainda uma variante de prestígio. Já o favorecimento de ocorrência do rótico tepe na fala de pessoas menos escolarizadas pode ter relação com o fato de essa vibrante ser, do ponto de vista acústico, menos “saliente”, menos “destacada” e, portanto, característica de uma pronúncia mais despreocupada.

Posição do rótico na palavra

Nas pesquisas sobre a variação no uso do /r/, a variável posição do rótico na palavra (e mesmo no contexto) tem sido apontada como altamente favorecedora e determinante para a escolha da variante a ser utilizada. Analisemos a Tabela 6.

Tabela 6. Ocorrências dos róticos na variável posição na palavra

POSIÇÃO	Tepe		Alveolar	
	Ocorrências	P.R.	Ocorrências	P.R.
Coda interna	87 (81%)	.26	20 (19%)	.74
Coda externa	65 (94%)	.84	4 (6%)	.16

Os pesos relativos mostram que, em posição de coda silábica interna, há um ambiente propício para a ocorrência da vibrante alveolar (.74); enquanto a posição de coda silábica externa favorece a realização do tepe (.84).

Essa situação pode estar relacionada à tendência ao não apagamento do rótico em posição interna e à grande possibilidade de zero fonético em posição externa. Ou seja, a vibrante alveolar possui uma pronúncia mais marcada, mais forte; como o final de palavra é o ambiente propício ao zero fonético, a chance de essa variante ocorrer nesse contexto é mínima (.16). Já a variante tepe possui uma pronúncia mais tênue, e o relaxamento articulatório parece ser mais comum no final das palavras. Sobre isso, Callou e Leite (1995) ponderam que, no final de palavra, o rótico pode apagar-se ou realizar-se como vibrante simples (sobretudo se vier seguido de palavra iniciada por vogal).

Classe gramatical

A variável independente classe gramatical também se mostrou um fator condicionador de uso de uma ou de outra variante, conforme podemos examinar na Tabela 7.

Tabela 7. Ocorrências dos róticos na variável classe gramatical

CLASSE GRAMATICAL	Tepe		Alveolar	
	Ocorrências	P.R.	Ocorrências	P.R.
Nome	103 (87%)	.61	15 (13%)	.39
Verbo	49 (84%)	.29	9 (16%)	.71

Os dados sugerem favorecimento ao uso do rótico tepe em se tratando de nomes (.61) e propensão à produção alveolar nos verbos (.71). Esse resultado causa-nos surpresa, uma vez que esperávamos que ocorresse o contrário, ou seja, nossa expectativa era a de que a variante tepe fosse mais produtiva nos verbos e a alveolar, nos nomes.

Nossa hipótese se baseava nas mesmas razões expostas quanto à questão do apagamento. Explicamos melhor: muitos trabalhos (CALLOU; LEITE, 1995; CALLOU *et al.*, 1996; HORA, 2006, 2009; dentre outros) salientam que a classe gramatical é altamente condicionadora do apagamento: nos nomes, a manutenção do rótico é muito mais produtiva do que nos verbos. Assim, esperávamos que, pela tendência à produção de zero fonético nos verbos, quando o informante não produzisse o apagamento, que o substituísse por uma forma mais “equivalente”, que entre a variante tepe e a alveolar, corresponderia à primeira, visto que, acusticamente, o rótico tepe é menos expressivo que o alveolar.

De qualquer forma, confirmamos, em nosso trabalho, o que outras pesquisas já apontaram em relação a ser essa variável condicionadora do uso de variantes róticas.

Comparando alguns resultados

Por fim, conforme havíamos ressaltado na introdução, um de nossos objetivos, ainda que secundário, era comparar os resultados de frequência de uso das variantes róticas deste trabalho com os resultados de trabalho anterior (BOTASSINI, 2009), em que pesquisamos as crenças e as atitudes linguísticas quanto ao uso dos róticos e do qual participaram dez informantes, dos quais dois eram gaúchos, residentes na cidade de Maringá, no norte do Paraná, há mais de dez anos.

Diferentemente das variáveis analisadas neste trabalho, em Botassini (2009), investigamos os fatores extralinguísticos *grau de formalidade da entrevista e procedência dos informantes*, visto que nosso objetivo, naquele momento, era outro. Porém, assim como no presente trabalho, fizemos um levantamento das variantes utilizadas pelos informantes bem como o número de ocorrências de cada uma, e é isso que pretendemos comparar.

Comparando os dados, verificamos que é diferente o comportamento quanto ao uso dos róticos na fala de informantes naturais do Rio Grande do Sul e lá residentes em relação ao comportamento de informantes gaúchos residentes no norte do Paraná.

Neste trabalho, as variantes produzidas foram tepe, apagamento, vibrante alveolar, glotal e retroflexa. Nos dados do trabalho de 2009, encontramos as variantes tepe, alveolar, retroflexa, velar e apagamento. Como se percebe, em Botassini (2009), não verificamos ocorrência glotal alguma; entretanto os informantes produziram a variante velar. Em um dos informantes, a variante retroflexa foi a opção privilegiada, com 37,6% das realizações, demonstrando clara influência do dialeto do norte do Paraná. Na sequência, produziram-se as variantes alveolar (26,6%), apagamento (19,3%), tepe (11%) e velar (5,5%). No outro informante, as realizações foram as seguintes, pela ordem de preferência: variante alveolar (70,9%), tepe (18,6%), apagamento (5,8%), velar (3,5%) e retroflexa (1,2%). Percebe-se que os informantes gaúchos residentes no norte do Paraná utilizam mais a variante alveolar – característica do dialeto do Rio Grande do Sul – que os gaúchos residentes em Porto Alegre. Esse dado é bastante curioso e parece indicar a forma como esses informantes encontraram de manter sua identidade e lealdade linguísticas.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi verificar quais variantes dos róticos em posição de coda silábica são utilizadas na fala de informantes moradores na cidade de Porto Alegre e se existem elementos condicionadores desse uso. Além disso, pretendíamos – por meio de dados de trabalho anterior – comparar o uso dos róticos na fala de informantes naturais do Rio Grande do Sul e lá residentes em relação a essa utilização por informantes gaúchos residentes no norte do Paraná.

Os dados analisados apontaram que as variantes mais utilizadas foram o tepe (69,1%), o apagamento (12,7%) e a vibrante alveolar (10,9%); também ocorreram as variantes glotal e retroflexa, mas com ocorrências pouco significativas, respectivamente, 5,0% e 2,3%.

As variantes apagamento, glotal e retroflexa acabaram sendo retiradas da amostra por terem apresentado casos de *knockout*, restando apenas as variantes tepe e alveolar.

Embora as frequências sempre indiquem preferência pelo uso da variante tepe em detrimento da alveolar, os pesos relativos apontam que a probabilidade de ocorrência de uma ou de outra variante está condicionada por diferentes fatores, tanto linguísticos como extralinguísticos.

Em relação aos fatores extralinguísticos, o grau de escolaridade destacou-se como variável altamente favorecedora para a realização de uma ou de outra variante, seguida da variável faixa etária que também apontou pesos relativos significativos para a ocorrência das variantes. O fator extralinguístico sexo, entretanto, apresentou pesos relativos muito próximos da neutralidade (.50), não se mostrando uma variável relevante.

Já as variáveis linguísticas revelaram-se todas condicionadoras para as diferentes realizações do /r/, sendo o fator posição do rótico na sílaba o que apresentou os pesos relativos mais importantes: a coda em posição interna é ambiente favorecedor para a vibrante alveolar, enquanto a coda em posição externa propicia a realização do tepe. A variável classe gramatical também foi relevante, porém trouxe um resultado contrário ao que esperávamos e para o qual não conseguimos encontrar, no momento, uma explicação.

Comparando os dados deste trabalho com os de Botassini (2009), verificamos que é diferente o comportamento quanto ao uso dos róticos na fala de informantes naturais do Rio Grande do Sul e lá residentes em relação ao comportamento de informantes gaúchos residentes no norte do Paraná. Algumas realizações róticas apontam clara influência do dialeto da região em que os informantes residem; outras parecem indicar um meio encontrado pelos informantes para mostrarem “suas raízes”, revelando uma situação de identidade e de lealdade linguísticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: questionário 2001 / Comitê Nacional do Projeto ALiB. Londrina: Ed. UEL, 2001.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos róticos. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 85-102, julho de 2009.

BRESCANCINI, Cláudia; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v.11, n. 2, p. 51-66, dez. 2008.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

CALLOU, Dinah; MORAES, João A.; LEITE, Yonne. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 465-493.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

GUSMÃO, Alessandra Babler. *As realizações da vibrante na variedade linguística rural*

do Paraná: uma abordagem geovariacionista. 2004. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – UEL, Londrina, 2004.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HORA, Dermeval da. Variação fonológica: consoantes em coda silábica. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Org.). *Encontro na linguagem: estudos linguísticos e literários*. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 81-101.

HORA, Dermeval da. *Fonética e Fonologia*. Curso de Letras. Fascículo II. UFPB, 2009. Disponível em <<http://portal.virtual.ufpb.br/wordpress/media-tags/biblioteca>>. Acesso em 23 de janeiro de 2010.

LANGARO, Jerri Antonio. De vibrantes a fricativos: os róticos na dublagem brasileira. *Revista Trama*, Unioeste, v. 1, n. 2, p. 109-123, 2º sem. 2005.

MATEUS, Maria Helena Mira. Sobre a natureza fonológica da ortografia portuguesa. *Revista Estudos da língua(gem): questões de fonética e fonologia: uma homenagem a Luís Carlos Cagliari*. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, n. 3, p. 159-180, jun. 2006.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. 1997. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 15-25.

OLIVEIRA, Carolina Cardoso. *Aquisição das consoantes róticas no português brasileiro e no espanhol: um estudo comparativo*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

REINECKE, Katja. *Os róticos intervocálicos na gramática individual de falantes de Blumenau e Lages*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2006.

VIOLA, Izabel Cristina. Efeito expressivo das variantes estilísticas do /r/. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, LAEL/PUC-SP, v. XV, 2006. ISSN 1806-275X. Disponível em: <www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/pdf/Viola.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2010.